

# Editorial

Esta é a edição da **Revista Humanidades & Inovação**, que tem como eixo temático a Psicanálise. De igual forma, é a primeira vez que nos reunimos com colegas do Núcleo Psilacs (Psicanálise e Laço Social no Contemporâneo), do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, coordenado pela inquietante psicanalista Dra. Andrea Guerra, integrantes do Núcleo de Pesquisas e Estudos - Interfaces em Psicanálise (Dúnia Ferreira Maia) e profissionais do Grupo Unis-MG (Alessandro Messias Moreira e Carina Adriele Duarte de Melo Figueiredo) para uma revista colaborativa.

Marcam este encontro os significantes “Humanidades” e “Inovação”, que traduzem o forte desejo de contribuir para uma Psicanálise implicada com a sua época e, mais do que isso, crítica aos seus próprios fundamentos e modos de operar. Desejo de transmitir uma Psicanálise viva, advinda dos mais diversos lugares e com autores/pesquisadores que têm colocado em questão o ideal colonialista, que por muitos momentos sufocou a prática psicanalítica brasileira. Ideal que ensurdeceu os clínicos, empenhados em transpor para o sul global uma Psicanálise europeia, freudiana ou lacaniana, desconsiderando o espaço que deveria convocá-los à reflexão e à construção a partir de uma perspectiva brasileira.

Historicamente, no Brasil, a Psicanálise sedimentou-se enquanto uma prática feita pelas elites e para as elites, franqueando formações inacessíveis ou tratamentos que repetiam a mesma lógica em seu fazer. Evidentemente, à margem desse panorama, diversos foram os psicanalistas que, questionando tais práticas reprodutoras de um funcionamento social, passaram a ocupar espaços em instituições públicas e a exercer o seu mister junto às populações de maior vulnerabilidade social.

A presente edição está organizada em sete eixos: I) A Psicanálise e outros campos do saber em suas ressonâncias; II) Atualidades da clínica e política; III) Multi, Inter e Transdisciplinaridade em ato e pensamento; IV) Teorética; V) A Psicanálise em suas interfaces com: educação, trabalho, comunidade, políticas públicas, direito, criminologia, prisão, saúde mental, entre outras áreas de atuação/intervenção; VI) Psicanálise e Interseccionalidades: etnia, classe, gênero; VII) Psicanálise e sua articulação com a tecnologia. Reunindo trabalhos de psicanalistas brasileiros, advindos de escutas em espaços como a rua, lugares distantes e situados às margens, como as favelas, bem como instituições públicas, nas variadas esferas. Lugares que contribuíram e seguem fazendo avançar a Psicanálise, questionando a própria teoria a partir dos efeitos da prática.

A diversidade pungente que o Brasil consegue abrigar, tanto de povos e etnias, possibilita a realização de um trabalho de vanguarda em Psicanálise, como descreveu Thamy Ayouch, em entrevista exclusiva concedida para este volume. Esta coletânea de trabalhos com autores dos quatro cantos do país traz uma mescla de vivências de muita riqueza compartilhada. Historicamente o lastro da experiência com o inconsciente, desde Freud, e com o Real, desde Lacan, movimentou os modelos hegemônicos que sufocaram as experiências singulares desprovidas de espaços de escuta. Assim, a pergunta que orienta este dossiê ganha enlevo ao abrir-se à insistência, não apenas daquilo que insiste em não se escrever, como também ao modo como, no interior do *corpus* psicanalítico, a sombra marca os arranjos com o ideal.

Uma edição que traz a margem para a letra, transformando em instrumento de potência criativa e inventiva o que era para ser silenciado ou minimizado, de modo a relançar ao Século XXI os fundamentos da Psicanálise como prática de transformação. Tal como ocorreu desde os primórdios, com Sigmund Freud, em seu modo de construir os fundamentos teóricos através da *práxis*, o que se espera em cada fazer é que seja atravessado pelo caráter subversivo, palavra que vem do latim *SUBVERSIO*, “destruição”, de SUB-, no caso “o que vem de baixo”, mais *VERTERE*, “virar”. Em outras palavras, aquilo que vem supostamente de baixo ou que foi colocado abaixo em nossa sociedade é o que promove a virada para uma concepção de sujeito do e neste tempo, envolto em questões como a virtualidade e tecnologia, adições e excessos, questões raciais e de gênero, bem como demais atravessamentos geopolíticos, muito presentes na clínica contemporânea.

Todo trabalho insurgente/pioneiro traz elementos para serem pontuados, questionados, no seu tempo de compreender. Porém, se subvertemos a leitura do senso comum, é para dizer que o esforço de transmissão transcrito nas letras que seguem dá-se pelo despertar do sujeito que nos habita, convocando-o a seguir seu trabalho sob a forma de um movimento ético, que em nossa língua portuguesa expressa-se no gerúndio. Melhor dizendo, que você, leitor, no encontro com cada trabalho, siga desejando... Saber mais e questionar-se mais a partir desse “a menos”, do qual somos constituídos e que sempre se inscreve no sujeito falante e, portanto, desejante.

Como lembra Lacan, uma transmissão psicanalítica sempre se faz, não apenas para quem não sabe, mas para quem não pode saber. É do efeito recolhido do encontro com o real de nosso tempo e de nossa geografia que saberemos, no momento de concluir esse processo mutante, o que se escreveu.

**Janilton Gabriel de Souza**

Psicólogo, Psicanalista, Docente e Pesquisador do Grupo Unis.

Coordenador do Interfaces em Psicanálise – Núcleo de Pesquisas e Estudos.

Colaborador do Instituto Internacional de Psicanálise (IIP).

**Organização:**

Andréa Máris Campos Guerra (UFMG)

Alessandro Messias Moreira (UNIS - MG)

Carina Adriele Duarte de Melo Figueiredo (UNIS - MG)

Dunia Ferreira Maia (UNIS - MG e Interfaces em Psicanálise)

Janilton Gabriel de Souza (UNIS - MG e Interfaces em Psicanálise)